

Aline Maria Thomé Arruda

**"Jovens Brasileiros que vão residir nos Estados Unidos
com objetivo de aumentar seu capital simbólico"**

Monografia apresentada como
requisito parcial para a conclusão
do curso de bacharelado em
Relações Internacionais do
Centro Universitário de Brasília
-UniCEUB.

Brasília-DF

2003

Aline Maria Thomé Arruda

**"Jovens Brasileiros que vão residir nos Estados Unidos
com objetivo de aumentar seu capital simbólico"**

Banca Examinadora:

Prof^a. Renata de Melo Rosa
(Orientadora)

Prof. Arthur Trindade Maranhão da Costa
(Membro)

Prof. Tarciso Dal Maso Jardim
(Membro)

Brasília-DF

2003

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me deu força de vontade e inspiração para escrever esse trabalho.

À minha querida orientadora, Renata, que me ensinou com toda paciência a dar os primeiros passos na confecção de um trabalho científico.

Aos demais mestres que contribuíram de maneira fundamental para que esse trabalho se fizesse concreto. Marco Antônio, por me ensinar que a reflexão crítica é fundamental para a ciência. Raquel Boing, que com toda sua boa vontade e demonstrando realmente ser Mestre e exemplo, montou um curso sobre Teoria Política Contemporânea, e me abriu os olhos para o “Poder Simbólico”. Arthur Trindade, Sociólogo que me incentivou e me fez crer que seria enriquecedor unir Sociologia, Antropologia e Relações Internacionais.

À todos os jovens que gentilmente compartilharam comigo suas experiência durante o período em que residiram no exterior, os verdadeiros autores desse estudo.

Aos meus queridos colegas, companheiros de caminhada, que nesses quatro anos me deram infinitas lições sobre amizade, respeito às diferenças e convivência pacífica. Não digo adeus, porque ainda que não estejamos juntos corpo presente, continuaremos lado a lado, pois levarei sempre vocês comigo no meu coração. Obrigada por fazer esses anos inesquecíveis em minha vida.

E especialmente à Márcia e Edilman, meus pais; à Marcus Vinícius, meu irmão e à Abadia, minha querida avó, pessoas a quem mais amo no mundo e que em todos os momentos de minha vida acreditaram em meu potencial e me deram todo o seu apoio, sem vocês eu jamais teria chegado a lugar algum.

A todos, meus sinceros agradecimentos por terem feito com que meu sonho se tornasse uma realidade.

SUMÁRIO

Resumo	III
Abstract	IV
Introdução	01
A escolha do objeto de pesquisa	01
Conteúdo	03
Metodologia	04
Capítulo 1- Cultura e Civilização como conceitos relevantes nas Relações Internacionais	06
Capítulo 2- O aumento do fluxo de pessoas e emigrações no Brasil, maneiras que isso se dá e mudanças do Governo para atender as demandas.	15
2.1- Migrações no Brasil	15
<i>Imigrações</i>	15
<i>Emigrações</i>	16
2.2- Mudanças no Governo para atender as demandas	18
2.3- Intercâmbios Culturais	20
2.3.1- Normas para entrada dos estudantes nos Estados Unidos	22
2.3.2- As Instituições que viabilizam a ida dos jovens	23
2.3.3- O <i>High School</i> nos Estados Unidos	25
<i>A Hostfamily</i>	27
<i>A High School</i>	30
Capítulo 3- Os Jovens brasileiros que vão aos EUA concluir ensino médio	32
3.1. As motivações para a participação no programa de intercâmbio	32
3.2- O aumento de Capital Simbólico	34
3.3- Os aspectos nos quais é possível perceber aumento de Capital Simbólico	36
3.3.1- Aprendizado do Inglês	37
3.3.2- Convivência com outra cultura	38
3.3.3- A Experiência de viver fora de casa	42
3.4. O Retorno e a readaptação ao Brasil	44
3.5- Exilados Econômicos X Experiência no Exterior	44
Conclusão	49
Referências Bibliográficas	51

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo fazer uma análise dos fluxos e interações no mundo globalizado influenciando na cultura dos países através de um estudo sobre jovens brasileiros que vão aos EUA em busca do aumento de seu capital simbólico por meio dos programas de intercâmbio cultural. São enfocadas as alterações que isso traz para sua identidade e sua convivência em sociedade. Após a contextualização teórica do tema cultura no âmbito das Relações Internacionais e da apresentação da metodologia interpretativista, utilizada na confecção dessa pesquisa, será explicado como funciona o programa de intercâmbio para jovens em *High School*. Por fim será apresentado o estudo de caso de adolescentes brasileiros que partem rumo aos Estados Unidos para concluir o ensino médio enfocando quais motivos os levaram a se submeter a essa experiência, o que aconteceu durante a sua estadia e quais as conseqüências após o retorno ao Brasil.

ABSTRACT

This work has as its main objective to analyse influence the flows and interactions in the globalized world in the culture of the countries through a study about young Brazilians who go to the USA as exchange students in search of an increase in their symbolic capital. We focused the changes that an exchange program brings to their identities and lives in society. The Exchange Programs in High Schools will be explained after presenting the theoretical context of the theme in the scope of International Relations and the interpretative methodology used in this research. Finally, a study case about the teenage Brazilians who go to the United States to conclude high school will be presented.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende abordar os fluxos e interações no mundo globalizado influenciando na cultura dos países. Constitui-se em um estudo sobre jovens brasileiros que vão aos EUA em busca do aumento de seu "capital simbólico". São enfocadas principalmente as alterações que isso traz para a identidade e a convivência em sociedade.

Atualmente, no cenário internacional, nota-se cada vez mais intenso fluxo de capitais, informações, de tecnologia, dentre tantos outras características do fenômeno denominado "Globalização". A intensificação das migrações e dos fluxos de pessoas estão incluídas dentro deste conjunto.

Os motivos e as formas de migração no mundo são os mais diversos possíveis. No caso das migrações de brasileiros para o exterior, pode-se verificar dentre essas várias formas o caso das migrações temporárias de jovens adolescentes que vão cursar parte do ensino médio em uma escola em outro país.

A escolha do objeto de pesquisa

Os motivos que me levaram a optar por esse tema de pesquisa foi, primeiramente, o interesse por abordar questões relativas à cultura e identidade no âmbito das Relações Internacionais.

Vejo que nas Relações Internacionais, em seus estudos e teorias há demasiado enfoque na atuação do Estado, das Empresas, do Capital, das Organizações Supranacionais. Não que isso não mereça ser estudado, sem dúvida alguma o conjunto de todos esses atores influenciam de maneira relevante no cenário internacional. Analiso apenas todos esses atores como figuras distantes, que a todo momento tomam decisões e agem influenciando direta ou indiretamente as pessoas. Bem lembrado, e as

peças? Como ficam as peças dentro desse contexto tão grandioso e distante? São apenas agentes passivos? Os Estados, as empresas, os Organismos Internacionais agem e as peças são apenas influenciadas? A atuação delas acaba por aí?

Seguindo essa linha de pensamento, encontrei no tema “Migrações” a resposta para estes questionamentos. É um tema que aborda exatamente a atuação ativa das peças pelo mundo.

Adoto, portanto, os fluxos de peças e as migrações como objeto da presente pesquisa. Tentarei mostrar a face humana da globalização estudando as peças como parte integrante desse processo de interações.

Surgiu a idéia de pesquisar, então, o caso dos brasileiros que vão residir no exterior. Fenômenos como o de brasileiros da cidade do interior do Estado de Minas Gerais, Governador Valadares, que anualmente enviam uma grande quantidade de migrantes para os Estados Unidos, sempre despertaram minha curiosidade. Muitas excelentes contribuições foram feitas nesse sentido. Minha orientadora indicou, então, que eu fizesse leituras de Gustavo Lins Ribeiro (2000), em suas contribuições sobre goianos que migram para a cidade de Boston, Massachusetts. Interessei-me por pesquisar sobre esse tema, porém a minha intenção seria construir uma pesquisa baseada em relatos dos participantes do fenômeno estudado e para uma monografia final de graduação não seria viável ir aos Estados Unidos fazer uma pesquisa de campo. Como não fazia parte dos meus planos fazer uma pesquisa com apenas dados estatísticos e números, optei por buscar um outro grupo social migrante com o qual eu pudesse interagir com maior facilidade. Me atentei, então, para o caso dos estudantes brasileiros que migram temporariamente com o intuito de adquirir uma "experiência no exterior". Há uma valorização disso por parte daqueles que estão aqui e possivelmente há uma alteração da história de vida e conseqüentemente da identidade dessas peças.

Refletindo sobre isto, vários questionamentos me vieram à mente. Por que estudar fora e não aqui, o que faz a diferença? Por que isso é valorizado? Há uma

maior facilidade de interação com o mundo por parte dessas pessoas que já viveram uma vez essa realidade de interagir com uma nova cultura? É uma maneira de nossa cultura “se render” e ser influenciada por uma “superior”? Foi a globalização que criou essa demanda por experiências no exterior ou foram essas experiências que cooperaram para intensificação do processo de globalização?

A presente pesquisa pretende analisar o fenômeno de brasileiros que tão jovens se arriscam na aventura de ir morar longe dos pais e de suas famílias com o intuito de adquirirem uma “experiência no exterior”. Procuro investigar os motivos que os levam a buscar por essa experiência, o que gerou a criação desses programas, o que acontece de fato durante essa experiência e depois d dela, se há uma mudança significativa para seu convívio em sua sociedade de origem.

Baseada em outros pontos de vista, busco nesse trabalho dar um outro tipo de enfoque a respeito das questões culturais e identitárias o âmbito das Relações Internacionais. Acredito que o que ocorre no mundo no momento é uma interação cada vez maior entre países, conseqüência da chamada globalização, ocorrendo assim uma conseqüente “troca” entre culturas, uma interação de elementos que se considera compor uma cultura com outros que se considera como parte de outra cultura uma troca entre povos.

Os brasileiros que vivem por um determinado período entre os americanos sofrem, inicialmente, um choque identitário, e posteriormente há uma troca trazendo certo hibridismo fruto desse contato e no fim das contas apesar dessas modificações, os americanos continuam se vendo como americanos e os brasileiros vendo-se como brasileiros, bem como sendo vistos como tais em suas comunidades.

Conteúdo

Os capítulos desse trabalho se organizam da seguinte maneira.

O primeiro capítulo faz uma investigação teórica demonstrando como a questão cultural já foi abordada no âmbito das Relações Internacionais por Samuel Huntington, mas que não respondeu às dúvidas inerentes a essa pesquisa. Apresenta, então, a metodologia interpretativista que, ao meu ver, explica de maneira mais fiel o tema. São citados autores que fazem uso dele como o precursor Max Weber passando por Clifford Geertz e Ulf Hannerz.

O segundo capítulo contextualiza o Brasil em termos de migrações. Fala a respeito da mudança de um país imigrantista para emigrantista e demonstra as alterações necessárias no governo para atender as demandas geradas por esses fenômenos. Em seguida apresenta os intercâmbios culturais como forma de migração temporária, detalhando como se dá o processo já especificamente no caso de destino dos Estados Unidos.

O terceiro capítulo apresenta, por fim, o estudo de caso dos estudantes brasileiros que se submetem ao programa de intercâmbio com destino aos EUA. São relatadas algumas experiências desde a decisão pela ida, a adaptação e estada no país até a volta ao Brasil. Além disso, são apresentados os três aspectos os quais afirmam os brasileiros que passaram por essa experiência ter acrescido em suas vidas. Segue fazendo um paralelo entre o caso desses estudantes e dos brasileiros que migram por motivos econômicos.

A conclusão finaliza o trabalho apontando a relevância do estudo do tema para as Relações Internacionais.

Metodologia

O modelo interpretativo foi o marco teórico que orientou a presente pesquisa. Realizei 8 entrevistas com estudantes que participaram do programa de intercâmbio. Eles foram interrogados sobre os motivos que os levaram a participar do programa, o porquê da opção pelos Estados Unidos da América, suas impressões a respeito desta

experiência, o que consideram como aprendizado após o término, e quais as alterações identitárias, após a volta ao Brasil. Desde meu ponto de vista, esta foi a maneira encontrada de não cair no erro de atuar apenas como um observador externo, que apenas registra uma ação e a interpreta sem considerar a intenção relatada pelo próprio agente social. Um dos entrevistados permitiu o meu acesso ao diário que ele fez durante o período em que esteve morando nos Estados Unidos. Esse diário foi fundamental para que eu tivesse uma noção daquilo que ele viveu durante o período em que estava lá.

Trechos dessas entrevistas foram transcritos neste trabalho como forma de exemplificar as situações relatadas e exprimir o ponto de vista das pessoas que já passaram por essa situação. Transcrevo esses discursos conforme foram ditos, por vezes com inadequações à norma culta. Todos os nomes dos entrevistados foram substituídos por nomes fictícios para garantir a privacidade destes jovens dado que são experiências, parte da história da vida pessoal de cada um e das quais nem sempre se sentem à vontade para expô-las.

A presente pesquisa constitui-se não em uma tentativa de comprovar hipóteses ou encontrar verdades, busca, outrossim, relatar fatos que acontecem e foi composta por meio de um diálogo com os interlocutores que já passaram por esse tipo de experiência.

CAPÍTULO 1- CULTURA E CIVILIZAÇÃO COMO CONCEITOS RELEVANTES NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Dentro da Teoria das Relações Internacionais, no tocante ao tema cultura, encontramos uma notável deficiência de trabalhos que abordem a questão como elemento relevante nas relações entre nações. A obra mais conhecida que utiliza o elemento cultural como foco de análise é “O Choque das Civilizações” de Samuel P. Huntington .

Nesta obra,¹ a intenção do autor é prever um novo cenário mundial pós- Guerra Fria. Baseado na visão "Realista" das Relações Internacionais, a qual afirma que as relações entre as nações se dão por meio da busca incessante de poder e, portanto, são os conflitos inevitáveis e constantes, ele demonstra que o motivo principal de guerras após 1991 não será de cunho ideológico, como ocorreu durante a própria Guerra Fria, nem de ordem política ou econômica como era de se esperar, mas será por questões culturais.

Huntington (1993:19) discute que o “choque das civilizações” advirá do conflito entre a “Civilização Ocidental Cristã” e a “Civilização Ortodoxa Cristã e Islâmica”. Ele apresenta a questão cultural e de identidade, principalmente no que diz respeito à religião, como fator preponderante desses futuros conflitos na busca de poder no mundo.

A argumentação se baseia na identificação das diversas civilizações “construídas” no mundo através da História:

The most significant dividing line in Europe, as William Wallace has suggested, may well be the eastern boundary of Western Christianity in the year 1500. This line runs along what are now the boundaries between Finland and Russia and between the Baltic states and Russia, cuts through Belarus and Ukraine separating the more Catholic western Ukraine from Orthodox eastern Ukraine,

¹ Refiro-me tanto ao artigo publicado na revista “Foreign Affairs”, em 1993, como ao livro posteriormente lançado pelo mesmo autor como desenvolvimento de sua teoria.

swings westward separating Transylvania from the rest of Romania, and then goes through Yugoslavia almost exactly along the line now separating Croatia and Slovenia from the rest of Yugoslavia. In the Balkans this line, of course, coincides with the historic boundary between the Hapsburg and Ottoman empires. The peoples to the north and west of this line are Protestant or Catholic; they shared the common experiences of European history -- feudalism, the Renaissance, the Reformation, the Enlightenment, the French Revolution, the Industrial Revolution; they are generally economically better off than the peoples to the east; and they may now look forward to increasing involvement in a common European economy and to the consolidation of democratic political systems. The peoples to the east and south of this line are Orthodox or Muslim; they historically belonged to the Ottoman or Tsarist empires and were only lightly touched by the shaping events in the rest of Europe; they are generally less advanced economically; they seem much less likely to develop stable democratic political systems. The Velvet Curtain of culture has replaced the Iron Curtain of ideology as the most significant dividing line in Europe. As the events in Yugoslavia show, it is not only a line of difference; it is also at times a line of bloody conflict. (HUNTINGTON, 1993: 30-31)

A argumentação de Huntington possui limitações para a reflexão proposta nesta monografia. Foi necessário, então, recorrer ao auxílio de outros campos do conhecimento e fazer uso do modelo conceitual interpretativista de Max Weber. Este me pareceu ser um caminho interessante para explicar e tentar compreender o fenômeno de migração temporária de jovens brasileiros.

Este capítulo é uma tentativa de rever a construção do saber anteriormente anunciado acerca das culturas, partindo de um ponto de vista, de acordo com o qual, a noção de cultura é vista como uma rede de significados. Este conceito possui raízes no interpretativismo, de Max Weber. Parte-se do pressuposto de que, sendo as Relações Internacionais parte integrante do campo das Ciências Sociais, não busca realizar investigações que encontre verdades. Sobre isso Weber diz:

“ Não se trata, de modo algum, de um sentido objetivamente “correto” ou de um sentido “verdadeiro” obtido por indagação metafísica. Nisso reside a diferença entre as ciências empíricas da ação, a Sociologia e a História, e todas as ciências dogmáticas, a Jurisprudência, a lógica, a

Ética e a Estética, que pretendem investigar em seus objetos o sentido “correto” e “válido”. (1998:4)²

A concepção e delimitação do mundo como se fosse dividido em “Civilização Ocidental Cristã” *versus* “Civilização Ortodoxa Cristã e Islâmica” proposta por Huntington envolve um conceito de cultura como algo independente das mobilidades de pessoas e interações no mundo. É como se a cultura fosse algo puro e imóvel e que não houvesse elementos passíveis de ser incorporados em diferentes contextos. Trata-se, de acordo com Hannerz (1997: 9-11), de um conceito de cultura estático.

Huntington não distingue a diferença entre os conceitos de Civilização e Cultura no decorrer de sua obra. Para tanto, o autor faz uso de autores como Spegler e Tonybee - teóricos que utilizavam o conceito de civilização que subestimavam os fluxos culturais entre as civilizações (HANNERZ, 1999). De maneira distinta, Alfred Kroeber, um teórico clássico sobre civilizações que também preferia pensar em grande escala, acrescentou que se deveria examinar as civilizações “não como objetos estáticos, mas como processos limitados de fluxo no tempo.” (*apud* HANNERZ, 1997:).

Não cabe nessa pesquisa conceber a cultura como algo fixo que gere choques entre civilizações. É mais coerente observar a maneira pela qual ocorrem as interações que alteram a forma das sociedades. Em todo o mundo verifica-se a existência de interações entre as pessoas. Tais dinâmicas trazem consigo uma troca de elementos culturais de distintas nações.

A presente pesquisa pretende abordar um ponto de vista não compatível metodologicamente com o proposto por Huntington. É bem verdade que nem tudo que o autor diz pode ser considerado errôneo, mas nem por isso deve-se aceitar seu pensamento integralmente como se realmente refletisse a realidade.

² No caso Weber utiliza as noções de divisão de ciências de sua época, diferentes das noções que temos hoje. Podemos considerar, assim, para uso dessa pesquisa a diferenciação entre Ciências Humanas e Ciências Exatas e Biológicas.

Ao abordar questões como civilizações e cultura como fatores preponderantes para os conflitos entre países, Huntington entra em questões delicadas, por ele abordadas de maneira simplista. Cultura e civilizações envolvem pessoas e, portanto, ações sociais ocorrem e não se pode avaliá-las buscando verdades do ponto de vista do pesquisador, a verdade será dita pelos agentes sociais no momento e que disserem o sentido daqueles atos. Para Weber:

“A Sociologia (no sentido aqui entendido desta palavra empregada com tantos significados diversos) significa: uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos. Por ação entende-se, neste caso, um comportamento humano (tanto faz tratar-se de um fazer externo ou interno, de omitir ou permitir) sempre que na medida em que o agente ou os agentes o relacionem com um sentido objetivo. Ação “social”, por sua vez, significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso.”(WEBER, idem : 3)

E ainda:

“A ação social (incluindo omissão ou tolerância) orienta-se pelo comportamento de outros, seja este passado, presente ou esperando como futuro (vingança por ataques anteriores, defesa contra ataques presentes ou medidas de defesa para enfrentar ataques futuros). Os “outros” podem ser indivíduos e conhecidos ou uma multiplicidade indeterminada de pessoas completamente desconhecidas (“dinheiro”, por exemplo, significa um bem destinado à troca, que o agente aceita no ato de troca, porque sua ação está orientada pela expectativa de que muitos outros, porém desconhecidos e em número interminado, estarão dispostos a aceitá-lo, também, por sua parte num ato de troca futuro.”(WEBER, ibidem:13)

Seguindo o mesmo método interpretativista, considero a cultura como uma rede de significados. Clifford Geertz afirma que:

“O conceito de cultura que eu defendo(...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias de análise; portanto, não como uma ciência

experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.”(1989: 15)

Citando Gilbert Ryle (apud GEERTZ, op. cit.: 15), Geertz explica a necessidade de se fazer uma descrição densa de determinada ação social para que assim ela possa condizer com a realidade. No fazer da teoria social, há uma necessidade inevitável de se recorrer ao agente da ação, para buscar nele, em suas palavras, o sentido daquilo que, para ele, se configura na motivação de sua ação.

Geertz também aproveita de Ryle uma interessante estória a respeito dos diversos significados produzidos pela diferença cultural. A estória trata de dois garotos que, ao piscarem rapidamente o olho direito, traduzem motivações diferenciadas. Para um deles, a piscadela é um tique involuntário. Para o outro, é uma piscadela conspiratória a um amigo.

Se olhássemos tal situação como se fôssemos uma câmera, jamais perceberíamos que havia uma diferença importante de significado entre as duas. O primeiro executou apenas uma ação contrair a pálpebra. O segundo contraiu a pálpebra e transmitiu um código público no qual agir significava um sinal conspiratório, piscar. Geertz complexifica, incluindo a possibilidade de outro garoto adentrar no recinto e decidir imitar o primeiro de forma proposital, grosseira e óbvia. Dessa maneira, ele o faria como o segundo que piscou e como primeiro, contraindo sua pálpebra. Ocorre que esse garoto não tem nenhum tique nervoso nem está piscando de forma proposital. Ele estaria imitando alguém que, na sua opinião, tenta piscar. O objetivo dele seria ridicularizar o primeiro garoto. Trata-se de um outro código socialmente estabelecido. Se pensarem que ele é possuidor de um tique, ou que está piscando propositalmente, o seu objetivo em realizar tal ação é inutilizado. Isso é uma demonstração de que a observação e descrição restrita ao ponto de vista do autor, sem consulta aos agentes, invalida a possibilidade de se fazer ciência como fruto da realidade. De acordo com Geertz,

“ O que se deve perguntar a respeito de uma piscadela burlesca ou de uma incursão fracassada aos carneiros³ não é qual o seu status ontológico. Representa o mesmo que as pedras de um lado e os sonhos de outro- não são coisas desse mundo. O que devemos indagar é qual é a sua importância: o que está sendo transmitido com a sua ocorrência e através da sua agência, seja ela um ridículo ou um desafio, uma ironia ou uma zanga, um deboche ou um orgulho. (idem: 20-21)

“ Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações providenciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições, ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível- Isto é, descritos com densidade.”(ibidem:24)

Do ponto de vista interpretativista, não é possível que haja um choque de civilizações. Pressupõe-se que a cultura é composta por uma rede de significados e não por uma dicotomia, tal como o Ocidente versus o Islã. Há toda uma influência das atitudes e das trocas entre os povos em termos de globalização e de fluxos de pessoas no mundo. A abordagem de Huntington subestima os fluxos culturais entre as civilizações.

Ainda seguindo a mesma linha, adentramos o pensamento de Ulf Hannerz, autor sueco que efetivamente trata da questão da Globalização como influente nos fluxos de pessoas pelo mundo, enfocando a questão da cultura/ identidade. O autor fala a respeito da importância da questão cultural nesse processo e traz um conceito de cultura que melhor explica o que ocorre nos países em tempos em que seus nacionais vêm e vão, levando consigo sua cultura e trazendo uma cultura híbrida.

Hannerz conceitua a cultura como algo em permanente mobilidade. Desde esse ponto de vista, não existe uma cultura totalmente determinada e pura, atemporal que não mude ou se “contamine” por outros hábitos estranhos a ela. Segundo o autor,

³ Outro exemplo citado por Geertz com finalidade semelhante ao descrito nesse texto, págs.17-19.

"Cultura é algo que as pessoas herdam, usam transformam, adicionam e transmitem."(BATH apud HANNERZ, 1997: 12)

A reflexão proposta baseia-se no suposto de que não existem exatamente uma cultura brasileira, francesa ou japonesa, ou algo que seja fixo e pré- determinado, de maneira a considerar aquilo como característica nacional. "algo que possa ser colocado em garrafas", como diz o próprio Hannerz. O que é determinar um brasileiro? Uma pessoa que joga futebol, come feijoada e ouve samba? Há muitos grupos sociais igualmente brasileiros que não se identificam com tais hábitos e nem por isso se vêem como originários de outros países, nem são vistos como tais pelos outros brasileiros.

A cultura é definida por Hannerz como algo em constante transição. Permanentemente, novos elementos adentram o universo cultural de determinada sociedade. A cultura sofre alterações. Uma cultura em estado puro jamais existiu. Todas as formas culturais são construções. Quando um novo símbolo adentra o campo da cultura, esse símbolo é absorvido dentro da sociedade. Essa interação traz aquilo que Hannerz chama de "híbridos", que seriam pessoas pertencentes a uma "determinada cultura" que incorporam elementos de outra, não deixando, por isso, de ser vistas como pertencentes a uma nação. No fundo, essas interações entre as nações fazem com que todos sejam híbridos também.

Se o que Huntington considera "Civilização Ocidental Cristã" fosse realmente algo homogêneo, não haveriam diferenças substantivas entre as culturas desse bloco. Se a introdução de elementos considerados tipicamente norte-americanos fosse realmente algo capaz de "americanizar" as outras nações, não seria necessário adaptar esses produtos para que os nacionais os consumissem. Os procedimentos como pesquisas de mercado utilizados por empresas para entrarem em condições de competitividade em países estrangeiros seriam desnecessários.

O caso da franquia Mc Donald's é um exemplo. A norma de toda franquia é a existência de uma padronização. Entretanto, existem variações no mundo inteiro para a melhor adaptação do produto frente aos costumes locais. Por exemplo, na Índia, a religião hindu não permite o consumo da carne de vaca. Como os hindus constituem a maioria da população, o hambúrguer bovino foi substituído por carne de carneiro ou frango. Outro exemplo pode ser retirado da experiência francesa. A tradição dos cafés franceses fez com que o Mc Donald's também servisse café da manhã no estilo local para agradar o público. O Mc Donald's de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, serve chope e pastel.

É possível perceber que os indivíduos imprimem suas próprias marcas às marcas globais. A cultura não perde sua idiossincrasia quando um nacional adquire o hábito de consumir produtos globalizados. Sempre há uma reinterpretação do elemento novo. O fato de os indianos, franceses ou brasileiros freqüentarem a lanchonete Mc Donald's não os torna americanos ou americanizados. Esta não é a percepção nem dos próprios nacionais e nem dos norte-americanos.

De acordo com o marco conceitual do interpretativismo, os "ocidentais" não podem ser descritos a partir de uma única identidade. O Ocidente se constrói na diversidade. Sua marca é a existência de diferenças de interesses econômicos, políticos e até culturais. Esta interpretação é válida também para analisar o mundo islâmico. Nele, não há uma unidade política, cultural ou lingüística. Existem mais de cinquenta nações que se consideram islâmicas (SHAHID, 2002).

Os brasileiros que têm contato com os americanos percebem a diferença identitária. Entretanto, esta diferença não é impeditiva da influência cultural. Ela é recíproca. Apesar disso, os americanos continuam se vendo como americanos e os brasileiros como brasileiros, dentro e fora de suas comunidades.

Entretanto, é correto afirmar que os jovens que voltam do intercâmbio, muitas vezes, adquirem alguns hábitos diferenciados daqueles que nunca passaram por uma temporada fora do Brasil. Tais hábitos são percebidos como semelhantes aos dos

americanos. Porém, estes são adaptados à realidade e cultura brasileira. Não existe, assim, uma "contaminação" americana porque a cultura brasileira totalmente delimitada e pura não existe. Ela é um produto do hibridismo e está ideologicamente aberta ao contato. Um ponto interessante é o fato de esses jovens se autoperceberem e serem percebidos como uma espécie de híbridos (HANNERZ, 1997: 24- 29).

CAPÍTULO 2- O AUMENTO DO FLUXO DE PESSOAS E EMIGRAÇÕES NO BRASIL, MANEIRAS QUE ISSO SE DÁ E MUDANÇAS DO GOVERNO PARA ATENDER AS DEMANDAS.

2.1- MIGRAÇÕES NO BRASIL

O Brasil por muitos anos foi um país que apresentou característica muito mais imigrantista do que emigrantista, porém o que se observa hoje é a inversão desse quadro.(CARVAZERE, 2001:39).

Imigrações

De acordo com Cavarzere (op. cit.:34), pode-se separar as imigrações no Brasil em três grandes períodos:

1808- 1850- o sistema escravista adotado no país impede a entrada de mão- de obra estrangeira no país tornando a imigração incerta e esporádica;

1850-1888- início do crescimento significativo com a abolição da escravatura;

1888 aos dias atuais- campo aberto para desenvolvimento da imigração. Encontram-se períodos com maior e menor intensidade de entradas de estrangeiros por motivos variados de ordem interna e externa.

Antes da vinda da corte portuguesa para o Brasil já existia a presença do estrangeiro no país, porém, não propriamente advinda de correntes migratórias. A principal causa atribuída pela autora para a atual diminuição das imigrações no Brasil é a legislação que hoje é considerada bastante rigorosa para a entrada de estrangeiros no país.

A maior quantidade de migrantes estrangeiros no Brasil é de nacionalidade portuguesa. O segundo maior número é de italianos, seguidos respectivamente por espanhóis, alemães, japoneses e russos. Ademais, encontram-se no Brasil menores concentrações de franceses, ingleses, austríacos, belgas, poloneses, húngaros, turco-árabes, sírios, libaneses, uruguaios, argentinos e paraguaios.

Emigrações

Somente após a segunda metade do século XX, especificamente a partir da década de 60, os índices de migrações para o exterior entre os brasileiros passou a atingir números relevantes.

Nos anos 60 e 70, muitos brasileiros foram enviados para o exterior exilados pelo regime autoritário militar. Esses brasileiros eram os "indesejados" pelo governo e por isso o tratamento para com eles era indiferente e a assistência era praticamente inexistente.

A partir dos anos 80, esse perfil mudou. Em 1979, com assinatura da Lei da Anistia no governo do General João Baptista Figueiredo (1973-1985), deu-se o retorno dos primeiros exilados políticos.

A esse período ocorreram uma série de crises econômicas no país gerando um decréscimo na renda de parte da população, incentivando a busca de outras alternativas para solucionar esse problema. Nos anos 90, durante o primeiro governo democraticamente eleito, cujo representante foi Fernando Collor de Melo (1990-1992), houve uma intensificação da abertura do país às negociações internacionais. Esses, dentre vários outros, podem ser apontados como fatores relevantes que geraram entre alguns brasileiros a idéia de que residir e trabalhar em um outro país seria uma possibilidade viável e capaz de resolver o problema da diminuição de sua renda.

Acompanhando a tendência da globalização e do aumento dos fluxos de pessoas, notou-se um grande aumento das migrações de brasileiros para o exterior a partir dos anos 90. Em 1990, o número de brasileiros registrados no exterior era de cerca 250.000, em 2002 esse número subiu para aproximadamente 2.000.000.⁴

Uma reportagem publicada no jornal Valor Econômico, em três de abril de 2003, demonstra que o Brasil recebe hoje significativas remessas de capital enviadas por esses nacionais residentes no exterior:

O Brasil, que recebeu US\$ 1,5 bilhão de seus residentes no exterior naquele ano(2001), está entre os 20 países em desenvolvimento que mais se beneficiam desse tipo de remessa. No ranking, ocupa a 15ª colocação, sendo que a Índia (US\$ 10 bilhões) e o México (US\$ 9,9 bilhões) são os dois primeiros colocados.

Os números constam do relatório Desenvolvimento Financeiro Global, divulgado pelo BIRD. Na avaliação da instituição, as remessas são uma boa fonte de financiamento externo porque são menos voláteis aos ciclos econômicos dos países que recebem os recursos.(Valor Econômico, 03/04/03)

Dados do Ministério das Relações Exteriores referentes ao ano de 2001⁵ demonstram que aproximadamente 799.203 brasileiros, em situação regular ou não, vivem nos Estados Unidos. Isso representa, aproximadamente, 41% dos emigrantes do país.

No tocante aos casos de migrações de brasileiros para os Estados Unidos, percebemos que no início dos anos 90, após as crises, o perfil era de pessoas de classes mais baixas em busca de novas oportunidades de emprego e, principalmente, de uma melhor remuneração. Para esse grupo, era mais interessante exercer funções com pouca necessidade de especialização (empregadas domésticas, motoristas,

⁴ Esse breve histórico é baseado em uma entrevista concedida pelo Secretário Pedro Garcia em 14/02/03. Com 14 anos de experiência na área Consular do MRE, ele ministra aulas no Instituto Rio Branco e em cursos direcionados a funcionários do Itamaraty que serão removidos ao exterior.

cozinheiros, garçons) nos EUA e receber em "dólar" do que permanecer no Brasil, onde as condições de trabalho são consideradas inferiores.

Atualmente, o perfil é o mais diversificado possível. Pessoas das mais diversas classes e com os mais variados objetivos saem do Brasil e vão para os Estados Unidos. Trata-se de estudantes de pós-graduação, alunos concluintes do ensino médio, profissionais em busca de novas perspectivas, profissionais pouco qualificados, dentre vários outros.

2.2- MUDANÇAS NO GOVERNO PARA ATENDER AS DEMANDAS⁶

Esse crescimento gerou também mudanças por parte do Governo brasileiro, no sentido de atender com muito mais intensidade os brasileiros no exterior. Essas pessoas quando vão residir, ou até mesmo passar uma temporada, no exterior, demandam serviços de responsabilidade do Governo. Casos mais complexos como prisões e mortes ou até questões rotineiras como casamentos e registros de crianças, ocasionando a necessidade da prestação desses serviços no lugar ou nas proximidades onde se encontram.

Anteriormente, os Consulados se localizavam em lugares que possuíam portos, como Nápoles, Liverpool e Marselha. O objetivo era agilizar exportações e importações, dentre outros interesses estratégicos referidos à Política Exterior do Brasil dos idos anos 40. Decidiu-se, então, por motivo do aumento do número de migrantes e por esses não serem mais os "indesejados" pelo Governo, em 1992/3 reformular as estratégias e ampliar a rede consular de modo a atender a crescente demanda de brasileiros residindo no exterior.

⁵ <http://www.mre.gov.br/faq/a98%20-%20brasileiros.doc>. Em 08/05/03

⁶ As informações contidas nesse item foram concedidas na mesma entrevista com o Secretário Pedro Garcia.

Devido a falta de verbas e recursos humanos foi realizada uma reestruturação qualitativa e não quantitativa. Em 1962, a rede era composta por 88 postos consulares e, em 2002, por apenas 46. A estratégia utilizada foi a de levar os postos para os grandes centros. Postos como Atlanta, San Juan, Paris, Marselha, Vancouver, Genebra e Hamburgo foram extintos e outros foram abertos em cidades como Boston, Nagoya e Barcelona, nas quais, existe uma maior concentração de brasileiros.

Outras mudanças também ocorreram como aquelas por melhores acomodações para o público (sala de espera, guichês, distribuição de senhas), melhor aparelhamento (computadores mais modernos, máquinas específicas, SIAC- Sistema Integrado de Acompanhamento Consular- I e II), melhor divulgação dos serviços (utilização de jornais das comunidades locais, cartilha, carteirinha consular) e o novo manual de serviço consular⁷. Para os funcionários que irão atuar nos Consulados brasileiros é obrigatório fazer o Curso de Remoção, que possui um treinamento exclusivo para que o funcionário aprenda a lidar com as questões mais complicadas.

A tentativa de aproximação dos consulados com os nacionais é intensa. Nas cidades de maior concentração de brasileiros existem os chamados "Conselhos de Cidadãos". O presidente é sempre o Cônsul- Geral da localidade e os mais diversos grupos de cidadãos brasileiros daquelas comunidades compõem os conselhos, cujo principal objetivo, é sanar as necessidades surgidas.

Como não é possível estabelecer postos fixos em todas as cidades que contam com a presença de brasileiros, foram criados os chamados "Consulados Itinerantes". Trata-se de um Micro- ônibus equipado com os materiais necessários e funcionários que percorrem lugares onde há quantidades de brasileiros que não podem viajar até a sede do consulado mais próximo. Eles vão a esses lugares algumas vezes ao ano para levar a essas pessoas os serviços prestados pelo consulado: casamentos, registros, certidões, dentre outros.

⁷ Este manual é mais completo. Ele inclui mais três tomos contendo todas as informações e as legislações específicas para os brasileiros no exterior.

Estas foram as principais medidas adotadas para o melhor atendimento da demanda de brasileiros no exterior que, conforme já dito, aumentou em oito vezes em pouco mais de dez anos.

2.3- INTERCÂMBIOS CULTURAIS

O programa de intercâmbio cultural consiste na ida de jovens para outros países com o objetivo de cursar parte do ensino médio brasileiro em uma HIGH SCHOOL, equivalente. O objetivo principal é adquirir uma experiência no exterior e ter a oportunidade de conviver e conhecer a cultura americana.

Os programas de intercâmbio cultural direcionados a jovens surgiram nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. Segundo Shültz (2003), eles tinham por objetivo “promover o entendimento entre as nações e o respeito entre povos de diferentes culturas, para cicatrizar as feridas da guerra e criar as raízes de uma futura paz mundial”⁸

Desde o ponto de vista do governo norte-americano, o ponto mais enfatizado é a oportunidade da troca de culturas:

“Nossa política com relação aos estudantes se baseia nos valores democráticos de uma sociedade aberta e na percepção geral de que os estudantes estrangeiros contribuem significativamente para o clima intelectual e acadêmico, além da economia de nossa nação (...) Nossa sociedade livre e aberta continuará atraindo jovens talentosos em busca de maiores oportunidades educacionais, além daqueles que procuram liberdade política, econômica e social. Os estudantes estrangeiros fazem uma tremenda contribuição para a sociedade americana e precisamos nutrir este relacionamento vital mesmo quando reforçamos a segurança de nossas fronteiras.”⁹

⁸ Schultz, Ricardo- *Programas de intercâmbio Cultural para Adolescentes em Escola Secundária nos Estados Unidos- A imersão Perfeita, o momento ideal, o mais completo aprendizado de línguas*. <http://www.sk.com.br/sk-cambio.html>

⁹Site da Embaixada Estados Unidos no Brasil:-
<http://www.embaixada-americana.org.br/?itemmenu=86&submenu=107&action=estudant.htm>

A afirmação acima demonstra os pilares da ideologia moderna, tal como assinalada por Louis Dumont (1994:49-61). Ela retrata a pré-disposição do Governo Norte- americano em receber estudantes estrangeiros em seu país. Ao acionar o valor da liberdade, “ ... daqueles que procuram liberdade política, econômica e social”, o discurso oficial sugere que a vivência nos Estados Unidos fará com que o jovem incorpore este valor.

Em um outro momento, o discurso oficial frisa que, apesar das mudanças providenciadas pelo Governo dos EUA para restringir a entrada de estrangeiros no país, após os atentados de onze de setembro, os estudantes estrangeiros continuam sendo bem vindos.

Algumas alterações por conta dos “novos procedimentos de segurança” acabam por prolongar um pouco o processo de emissão de vistos até para “não-migrantes”. Esta é a categoria utilizada pelos consulados para classificar esses estudantes.

A idade em que esses adolescentes se submetem a esse tipo de programa é cuidadosamente observada. Como são adolescentes em formação, é possível que estejam mais sujeitos à assimilação de determinados valores. Muitos passam a admirar e a difundir em seus países a cultura norte- americana, especialmente, o modelo da democracia ideal no sentido tocquevilliano (1977). Schültz (2003) observa que:

“Adolescência é a fase em que o objeto maior da atenção volta-se dos pais para o contato social. A experiência de assimilar a cultura estrangeira e consolidar novos relacionamentos por forças próprias sem a intermediação dos pais representa uma grande conquista. Além de treinar atitudes comportamentais, desenvolve a auto-confiança.”

O objetivo dessa pesquisa não é abordar as razões da criação dos intercâmbios culturais e sim avaliar o ponto de vista dos jovens brasileiros a respeito da experiência que obtiveram durante essa estada.

2.3.1- NORMAS PARA ENTRADA DOS ESTUDANTES NOS ESTADOS UNIDOS

A lei que regula a migração que está em vigor hoje nos Estados Unidos é datada de 1996 e estabelece basicamente dois tipos de visto a ser obtidos: vistos para não migrantes e para migrantes, ou seja, temporários e não temporários. Os vistos temporários são divididos por categorias que vão de “A” a “S” que ainda possuem subdivisões “A-1”, “A-2”, “B-1”, “B-2” e assim por diante. (CAVARZERE, 2001:200-201)¹⁰. No caso dos Programas de Intercâmbio:

“Os programas são reconhecidos pela United States Information Agency (USIA) como “Programa de Intercâmbio Cultural” autorizado a emitir o formulário IAP-66, que dá direito aos participantes qualificados de requererem o visto J-1 especial de longa duração, no Consulado ou Embaixada Americana.”¹¹

A Embaixada americana possui em todo o Brasil os chamados “Escritórios de Aconselhamento” que fornecem as informações necessárias para os interessados em participar de programas de intercâmbio.

Em Brasília esse escritório se encontra na Casa Thomas Jefferson, centro binacional, sem fins lucrativos cujo principal objetivo é promover o intercâmbio cultural entre os povos do continente americano. Esse intercâmbio se dá por meio do ensino da língua inglesa e da promoção da cultura dos dois países.¹²

¹⁰ Para maiores informações do ponto de vista jurídico das migrações internacionais consultar essa fonte. O livro trata-se mais de imigrações do que de emigrações, porém é bem abrangente e esclarece bastante sobre as leis de vários países do mundo, além de dar uma perspectiva histórica bastante completa sobre as migrações através da história no mundo e com relação às imigrações brasileiras também. Como o foco de minha pesquisa não são as questões de ordem jurídica, incluí essa fonte por ser uma monografia de uma bacharel em RI o que implica em uma consciência do tema sobre mais de um aspecto. Em RI não se pode dar apenas um enfoque a um tema.

¹¹ Site Damatour Viagens e Intercâmbios:
<http://www.damatour.com.br/high.html>

¹² <http://www.thomas.org.br> em 19/05/03

2.3.2- AS INSTITUIÇÕES QUE VIABILIZAM A IDA DOS JOVENS¹³

Pode-se dividir as instituições que viabilizam a ida desses jovens no Brasil em dois grupos, as instituições privadas e o Rotary Clube Internacional.

Baseados em dados do *site* de própria Casa Thomas Jefferson¹⁴, existem no Distrito Federal, cinco sedes de instituições aptas a realizarem os programas de intercâmbio em Brasília, autorizados pelo governo norte- americano. Estas são: Azics; Central de Intercâmbio; Damatour; E.F.; STB; World Study.

Dentre as instituições privadas que atuam no ramo em todo Brasil encontram-se agências especializadas em “estudos no exterior”, “organizações de educação intercultural”, “agências especializadas em Turismo Jovem e educação internacional” , “escritórios de viagens estudantis”, dentre outros.

Essas instituições possuem diversificados programas direcionados ao público de várias idades e a pessoas em diversas situações com relação ao nível de conhecimento que pretendem, de alguma forma, ter mais experiência no exterior. Existem programas com vagas de estágio para universitários no exterior; programas com trabalhos temporários legalizados, de férias ou por um período de até um ano; programas para moças com idade entre 18 e 26 anos com nível médio de escolaridade para serem babás e terem oportunidade de fazer cursos de língua; cursos especificamente de idiomas no exterior, dentre vários outros.

Os programas oferecidos pelas instituições apresentam uma mesma estrutura. Normalmente o que varia de uma instituição para outra são algumas normas e ordens de procedimentos, ou os países destino da viagem. Algumas possuem programas apenas para um país específico. Outras, para vários. O dado comum é o fato de os

¹³ Os dados a respeito das instituições foram encontrados nos guias informativos das agências Central de Intercâmbio, World Study e Damatour, disponíveis em seus sites: <http://www.ci.com.br>; <http://www.worldstudy.com.br>; <http://www.damatour.com.br/high.html>

¹⁴ Site da Casa Thomas Jefferson
<http://www.thomas.org.br/>

roteiros preferidos estarem circunscritos aos países desenvolvidos. Os países mais visitados são: Alemanha, Austrália, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Irlanda, Itália e Nova Zelândia.

O Rotary Clube Internacional possui várias filiais em distintos locais do mundo. Esta organização também possui o “Youth Exchange Program”. Ela se apresenta como uma instituição que possui objetivos de promover a interação pacífica entre os povos e “ajudar a estabelecer a Paz e a Boa Vontade no mundo.”¹⁵ O programa promovido por esta organização possui algumas diferenças significativas com relação às outras instituições. Inclui todos os países do mundo e atrai muitos jovens, pois não adere, como as outras, o conhecimento mínimo do idioma do país de destino. Além disso, os custos são mais baixos que os oferecidos pelas agências.

Essas agências brasileiras trabalham em conjunto com organizações norte-americanas. Elas têm como função selecionar e preparar as famílias em seu país para receberem esses jovens em suas casas, além de fazerem o acompanhamento durante o intercâmbio. Além disso, são responsáveis pelo funcionamento do programa em geral. Entretanto, é a organização estrangeira quem fornece o formulário e que faz a avaliação final, após recebimento dos dados enviados pela agência brasileira.

Existe hoje um grande número de organizações norte-americanas que promove programas de intercâmbio para jovens adolescentes. Em geral, são organizações sem fins lucrativos que selecionam e preparam famílias em seus países para hospedarem em seus lares um jovem estrangeiro, recebendo-o como membro da família.

Em 1984 foi criada a CSIET (*Council on Standards for International Educational Travel*). É uma espécie de organização dessas organizações, de origem norte-americana, cujo objetivo é avaliar, disciplinar e dar credibilidade aos programas de intercâmbio para jovens em HIGH SCHOOLS. O organismo monitora o cumprimento

¹⁵ Revista Circuito Integrado, dezembro 2002-/ Caderno variedades: Rotary, quase um século por George Teixeira Pinheiro é Governador 2001-2002 do Rotary International - Distrito 4720:
http://www.uol.com.br/circuito/caderno/variedades_rotary.htm

dos requisitos por parte das organizações e divulga o resultado de sua avaliação anualmente na *Advisory List of International Educational Travel Exchange Programs*. Esta organização divulga também um outro guia com informações mais detalhadas sobre cada uma dessas organizações que alcançam os padrões estabelecidos para atuar na promoção de intercâmbios.¹⁶

2.3.3- O HIGH SCHOOL NOS ESTADOS UNIDOS

Os programas de agências, que incluem o destino “Estados Unidos” para cursar parte do HIGH SCHOOL, atuam da seguinte maneira:

Elas possuem dois tipos de programas com o seguinte foco: um de curta duração, no qual, o aluno cursa apenas um semestre letivo nos EUA, com duração de aproximadamente de quatro a cinco meses, e outro de longa duração, no qual, o aluno cursa o ano letivo inteiro no outro país e que dura em torno de dez a doze meses.

Os estudantes interessados devem possuir os seguintes pré-requisitos: ter idade entre quinze e dezoito anos; estar cursando o ensino médio no Brasil; ter um bom desempenho escolar nos últimos anos; apresentar características psicológicas específicas, tais como certa maturidade, flexibilidade, iniciativa e estabilidade emocional que demonstrem que o jovem terá um mínimo de probabilidade de “suportar” o programa. Essa capacidade é avaliada em uma entrevista na instituição. Por último, é também necessária a demonstração de um nível intermediário de conhecimento da língua inglesa, a ser avaliado também pela agência em testes específicos.

Há toda uma preparação de um “cenário” para que esses adolescentes não sintam algum tipo de “choque cultural”, bem como a distância da família e de seu ambiente (cidade, amigos, etc...). Tais cenários são conduzidos de maneira que o jovem adquira a oportunidade de inserção na cultura americana. Este desafio é

¹⁶ Council on Standards for International Educational Travel
<http://www.csiet.org/>, em 10/05/03

reconhecido pois, apesar da prévia avaliação do perfil e seleção daqueles que realmente julgam-se capazes de participar do programa, e mesmo nos casos dos adolescentes mais dispostos a “enfrentarem esse desafio”, a pouca idade simboliza a insegurança frente ao desconhecido. Em geral, estes jovens não possuem exatamente uma noção do que será a experiência de estar em um local estranho e das conseqüências que isso poderá trazer, além das possíveis dificuldades de adaptação a serem enfrentadas. Os exemplos a seguir demonstram o que foi dito acima.

Amanda, 23 anos, advogada, foi para a cidade de Temple- Oklahoma e permaneceu lá de agosto de 1995 a junho de 1996. Ela interpreta sua experiência da seguinte forma:

Quando cheguei lá que realmente ‘caiu a ficha’. Quando liguei para casa pra dizer que eu havia chegado e que estava tudo bem, bateu aquele medo. Eu estava a quilômetros de distância da minha família e dos meus amigos. Daí pensei: eu que inventei agora vou ficar e encarar.

Marina, 19 anos, estudante universitária de psicologia, foi para a cidade de Simvalley- Califórnia em dezembro de 2000, retornando em agosto de 2001. Também expressa o mesmo sentimento de Amanda: “Quando cheguei lá que caiu a ficha. Como assim, serão oito meses?”

Antônio, 24 anos, economista, foi para Big Spring- Texas e lá permaneceu no período entre agosto de 1995 e junho de 1996. Ele traduz o mesmo sentimento das outras duas entrevistadas: “Somente quando estava no avião indo para lá que comecei a perceber a dimensão do negócio, estava sozinho lá!”

As instituições afirmam que os jovens brasileiros viverão lá como qualquer adolescente americano. Irão morar com uma família americana, estudarão em uma típica HIGH SCHOOL americana, participarão de todas as atividades escolares e culturais do local.¹⁷

¹⁷ Site Damatour Viagens e Intercâmbios:

Os principais elementos desse “cenário” montado para melhor adaptação dos jovens são exatamente a convivência em família e na escola. É nestes dois ambientes em que eles terão maior contato com as pessoas e terão a experiência de viver como um americano. Há também a preocupação de que os jovens sejam colocados em cidades pequenas para que sintam menos esse impacto e o “choque cultural” de um grande centro.

A Host Family

A família anfitriã (*Host Family*) é escolhida pelo programa americano¹⁸, de acordo com o perfil do candidato enviado pela agência brasileira. Quando a família aceita o jovem, as agências passam a promover os contatos iniciais entre as partes. Esses primeiros contatos ocorrem, em geral, cerca de um mês antes do embarque do jovem para os EUA. O procedimento ocorre da seguinte forma: em primeiro lugar, a família com a qual o jovem irá passar o próximo ano de sua vida envia uma carta ou e-mail se apresentando com informações gerais sobre eles, como número de componentes, o estilo de vida doméstico, a localização do estado e descrições a respeito do local, como o clima e outras características gerais locais. Em seguida, o jovem dá continuidade a esse contato da maneira que achar melhor, por e-mail, telefone, ou outros meios que preferir. O objetivo principal é o de já irem se acostumando uns com os outros. Ao chegar lá, o estudante normalmente é recebido pela família com quem irá morar e pelo coordenador local.¹⁹

<http://www.damatour.com.br/high.html>

¹⁸ As agências brasileiras possuem contrato com organizações nos EUA direcionadas a cooperarem dentro do território do país para viabilização dessas viagens.

¹⁹ Agente do programa americano que selecionou a família e que irá supervisionar diretamente a estadia do intercambista no país. Normalmente reside na mesma cidade, ou em algum município próximo para que possa atender prontamente a todas as solicitações do jovem e das famílias que os recebem. Uma vez por mês entre em contato com o jovem e com a família para verificar se tudo está indo bem.

“Família hospedeira”, conforme é denominada por alguns programas, não seria a melhor denominação pois as famílias são orientadas a tratar o intercambista não como um hóspede e sim como um membro efetivo da família.

As orientações repassadas desde o começo da estada do intercambista em suas casas são a de estabelecer quais serão as suas “tarefas”, de que forma poderá ajudar na casa, quais são as normas de comportamento doméstico, o conteúdo das “regras” que o intercambista deverá seguir, a fim de que se cumpra uma convivência harmônica. Trata-se de uma forma de solidificar o jovem como membro da família e até de proporcionar um dos maiores aprendizados, apontados pela maioria dos entrevistados, que é o de aprender a realizar tarefas domésticas bem como aprender a conviver com costumes de uma família que, muitas vezes, são muito diferentes daqueles de sua família brasileira.

Aqueles que apontaram tal experiência como um fator importante de aprendizado não estavam acostumados a realizar o serviço doméstico aqui no Brasil. A explicação para este tipo de comportamento talvez resida no costume arraigado das classes médias brasileiras em delegar as tarefas domésticas a empregados ou subordinados, aliado ao fato de a contratação deste tipo de serviço ser de baixo custo, além do forte imaginário de inferiorização da pessoa que exerce tais funções. Os estudantes afirmam que, inversamente ao ideário brasileiro, a presença de uma empregada doméstica no universo americano é um grande luxo, restrito apenas àqueles que residem em casas de famílias muito ricas.

A diferença entre as culturas é vivenciada pelos estudantes, a partir da comparação entre as diferentes dinâmicas do mundo doméstico. Este universo propicia ao intercambista comparar e refletir a respeito da diferença cultural. Amanda apresenta sua experiência da seguinte forma:

“ Acho que a dificuldade que tive para me adaptar à família com quem fiquei não era nem pela diferença de cultura, era pelo estilo deles de agir,

minha mãe²⁰ era muito nova, tinha 25 anos, quase da minha idade e o jeito que ela criava as filhas dela não era nada parecido com o que a minha mãe me criou. Me identificava muito mais com o estilo da família da Diana²¹, parecia mais com aquilo que aprendi na minha casa no Brasil”

A questão da incorporação na família americana é tão forte que, para aquele que nunca teve contato com um jovem que já foi intercambista ou que não tenha conhecimento do programa de intercâmbio não consegue compreender quando o jovem descreve sua viagem referindo-se aos membros da *host family*, no caso o *host father*, a *host mother* e os *host brothers* e *host sisters* como seu “pai”, sua “mãe” e seus “irmãos” durante o tempo em que estavam lá. A gramática do intercâmbio supõe o uso de categorias que são idênticas às aquelas que designam parentesco consanguíneo. Como passam a ser parte da família, o tratamento usado entre eles faz jus àquele adotado pela mesma, por isso se dirigem e se referem a eles como se fossem seus legítimos pais mães e irmãos.

Caso o jovem não se adapte à família designada ou vice-versa, existe a possibilidade de mudança de casa. Tal trânsito varia de acordo com a urgência de cada caso. Para que isso ocorra, normalmente espera-se que transcorram os primeiros meses, considerados difíceis à adaptação. Fica a critério do coordenador local fazer a avaliação a respeito da necessidade da mudança. O primeiro passo consiste em uma tentativa de contornar o problema. Caso não seja possível, ocorre a escolha de uma outra família para o jovem. Esta foi a experiência de Felipe, estudante universitário de Relações Internacionais e Direito, ficou no estado do Minnesota,

“Passei seis meses na primeira casa. Com o aproximar do inverno, com clima mais melancólico e depressivo²², minha mãe engravidou e não estava satisfeita com a nova gestação, o clima na casa ficou ruim para todos. Meus pais estressados, as crianças com ciúmes e por fim parecia que eu estava incomodando e “sobrando” dentro de toda essa crise. Era um momento tenso para a família. Foi aí decidi mudar de casa. Entrei

²⁰ No caso aqui se refere à *host mother* mãe da família norte americana que a acolheu enquanto participava do programa de intercâmbio.

²¹ Diana era uma amiga da “mãe” de Amanda com quem ela fez grande amizade. Ela costumava passar os finais de semana na casa da família dela e preferia ficar com eles do que com a família com que ficou.

²² O estado de Minnesota se localiza no norte do país, região próxima do Canadá. O inverno é bastante rigoroso, especialmente para um brasileiro acostumado com temperaturas mais elevadas em seu país e origem.

em contato com a moça responsável pela supervisão e ela fez duas reuniões comigo e a família, primeiro decidimos tentar mais duas semanas e como o clima não melhorou, decidimos na segunda que eu iria me mudar mesmo.”

A agência local promove ainda festas e outros eventos como viagens pela região para que os intercambistas de todos os lugares do mundo que estejam nas proximidades para que estes se encontrem e interajam. Esses encontros são esperados com muita expectativa pelos jovens, pois é uma oportunidade de terem uma experiência amplamente intercultural, que vai além do contato com os nativos dos EUA. Os jovens se sentem confortáveis por poder compartilhar suas experiências com pessoas na mesma situação.

A HIGH SCHOOL

A maior parte dos estudantes que vão aos EUA através dos programas de intercâmbio cultural, apesar de, em sua maioria, estudarem em escolas particulares no Brasil, optam por estudar em uma escola pública americana, pelo fato de baratear os custos da viagem.

Os jovens brasileiros, com os quais conversei, entendem que a inserção em uma escola pública norte-americana representa um caminho de acesso à cultura americana, posto que este representa o universo ideal de contato com jovens da mesma idade.

Tal como o universo doméstico é significativo para a explicação das diferenças culturais, o sistema educacional também é interpretado como lugar privilegiado de reflexão das diferenças a respeito dos Estados Unidos e do Brasil.

No sistema educacional brasileiro normalmente as escolas possuem grades fechadas com disciplinas mais voltadas para o ensino teórico, ainda que básico de várias ciências, como a Física, a Química, a História, dentre outras. O horário de aula é limitado a um período apenas, matutino, vespertino ou noturno, algumas vezes com disciplinas complementares como atividades de educação física e laboratórios em horários extras.

No sistema norte-americano, os intercambistas observam que a escola é responsável por uma educação mais direcionada às aspirações de cada aluno individualmente, dado que cada um escolhe a maior parte das disciplinas que irá cursar. Têm opções de várias matérias baseadas em atividades práticas como jornalismo, agronomia, música, teatro e culinária. As escolas reservam para cada uma dessas disciplinas, o aparato necessário para a prática das mesmas, um jornal da escola, uma pequena fazenda, uma banda, um grupo de teatro, uma cozinha e outros núcleos práticos. Destacam também a importância dos esportes praticados por esses alunos. É costume das pequenas cidades valorizar os campeonatos disputados pelos estudantes secundaristas. Nesta ocasião, a comunidade se organiza no sentido de formar torcidas e ativar a rivalidade entre bairros ou cidades. Os jornais locais participam ativamente destas disputas e publicam de modo freqüente as notícias esportivas das escolas. Todas essas atividades concentradas na escola fazem com que os horários de aula sejam mais extensos que os das escolas brasileiras. As aulas se iniciam geralmente no início da manhã e acabam no meio da tarde, com intervalo para almoço.

Essas diferenças nos sistemas educacionais fazem com que as agências e o programa em si obriguem os alunos a cursarem determinadas disciplinas, com a finalidade de que estas sejam reaproveitadas na volta ao Brasil. O Ministério da Educação possui portarias que regulamentam o reconhecimento e estabelece os pré-requisitos e os pedidos devem ser encaminhados na volta às secretarias de educação locais para providenciarem reconhecimento.

A passagem desses jovens pelos Estados Unidos encontra-se praticamente restrita a dois universos: o doméstico e o sistema educacional. O que pode ocorrer adicionalmente é uma viagem turística ao final programa oferecida como opcional pelas agências. Porém, a oportunidade de convivência mais intensa com a cultura do país se dá efetivamente nesses dois universos.

O próximo capítulo irá tratar das impressões dos jovens brasileiros que vão aos Estados Unidos como participantes do Programa de Intercâmbio Cultural. Será descrita

a experiência desde a decisão por participar do programa, passando pela adaptação, estada e convivência com o povo norte-americano, e a volta ao Brasil.

Cap. 3- Os jovens brasileiros que vão aos EUA concluir o Ensino Médio

3.1. As motivações para a participação no programa de intercâmbio

Os motivos que levam esses jovens, ou seus pais, a se interessarem pela participação no programa de intercâmbio possuem uma íntima relação com os tipos de ação social classificados por Weber. O autor afirma que:

A ação social, como toda ação pode ser determinada: 1) de modo racional referente a fins: ;2) de modo racional referente a valores3) de modo afetivo, especialmente emocional: por afetos ou estados emocionais atuais;4) de modo tradicional: por costume arraigado. (Weber, 1998: 15)

O autor explica, ainda, que normalmente uma ação não se orienta por apenas uma dessas maneiras. O comum é que as motivações estejam transpassadas umas nas outras. Weber deixa claro que a tipificação das ações é um modelo elaborado com base em tipos conceitualmente criados para fins sociológicos, com o objetivo de criar uma metodologia científica confiável.

Os entrevistados, quando questionados a respeito dos motivos que os levaram a participar do programa de intercâmbio, constroem respostas que podem ser enquadradas às definições de Max Weber. Marina coloca que:

Eu fui mais para "aparecer" mesmo, pra dizer quando chegasse, eu fui morei lá, fiquei 8 meses sem nunca ter falado nada de inglês. Também tinha uma amiga minha que estava indo, então todo mundo está indo quero ir também. A Caroline²³ também já tinha ido e meus pais gostariam que eu fosse também.

Nota-se aí um misto de motivações afetivas e tradicionais. De um lado, ela está referida à obediência a um desejo dos pais. De outro, parece influenciada pela ida de uma amiga.

²³ Caroline é a irmã mais velha de Marina. Ela possui ainda outra irmã que também já havia se submetido a programas de curta duração para outros países. O pai é membro do Rotary clube e incentiva as filhas a participarem

No caso de Priscila, estudante universitária de Relações Internacionais que se submeteu ao programa de intercâmbio em julho de 2001 e retornou ao Brasil em junho de 2002, pode-se perceber uma forte racionalidade com o fim de iniciar e dar continuidade a seus estudos em um país estrangeiro :

Meu objetivo era de ir e de repente tentar ficar por lá ou conseguir alguma bolsa, mas como o dólar estava alto demais, resolvi voltar mesmo.

Já para Antônio, as motivações também essencialmente racionais de aprender o idioma mais rapidamente se misturam com fatores mais subjetivos de fundo emocional, posto que apenas decidiu se “arriscar” na experiência quando se sentiu psicologicamente seguro:

Nunca havia pensado em morar em outro país, nem me interessava por isso. Em 1994 fui à Disney passar férias com alguns amigos e gostei, achei que foi menos chocante e ruim do que eu pensava. Queria aprender inglês e não tinha paciência para continuar fazendo cursinhos, então vi a possibilidade de aprender fazendo o intercâmbio decidi ir.

Amanda, por sua vez, demonstra que mais do que o resultado racional de aperfeiçoar uma outra língua, sua motivação estava baseada na possibilidade de crescimento pessoal . É possível perceber que sua escolha estava mais relacionada a um conjunto de valores, tais como o refinamento da educação:

Meu objetivo principal era aprender a língua, a oportunidade de conhecer a outra cultura, não pensava muito que seria bom para o currículo, era muito nova talvez, mas achava que seria bom também para minha vida.

3.2- O aumento de capital simbólico

Uma das questões que motiva esses jovens a se inscreverem para participar dos programas de intercâmbio é a possibilidade de aumento de seu poder simbólico. Trata-

desses programas, em sua família isso é comum. Por diversas vezes também já hospedaram intercambistas vindos de outros países em sua casa.

se de uma definição de Bourdieu que objetiva explicar como determinados integrantes de uma sociedade são detentores de um diferencial que os coloca em posição vantajosa com relação aos outros. É um poder reconhecido por todos, tanto pelos que o possuem quanto pelos desprovidos do mesmo. O capital simbólico não pode ser quantificado. Entretanto, possui o poder de colocar alguns indivíduos em posição de destaque. Segundo o autor, o poder simbólico:

é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que estão sujeitos ou mesmo que o exercem".(Bourdieu 1989:9)

O autor coloca que, dentro do universo desse poder invisível, exercido como forma de imposição social sem agressão ou contato físico, o *capital simbólico* representa a ferramenta utilizada para a instrumentalização desse poder simbólico. Ademais, é exatamente pelo fato de se tratar de um poder de natureza invisível que ele se reproduz indefinidamente.

O capital simbólico é uma propriedade qualquer - força física, riqueza, valor guerreiro- que percebida pelos agentes sociais dotados das categorias de percepção e de avaliação que lhes permitem percebê-la, conhecê-la e reconhecê-la, torna-se simbolicamente eficiente, como uma verdadeira "força mágica": uma propriedade que, por responder às "expectativas coletivas", socialmente construídas, em relação às crenças, exerce uma espécie de ação à distância, sem contato físico. (Bourdieu 1996:176)

Isso significa que é um poder socialmente construído exercido pelos indivíduos. Constitui-se em uma ferramenta adquirida por alguns de maneira que gera um "status" para os que a possuem e é reconhecido publicamente.

Desde o ponto de vista dos jovens entrevistados, a "experiência no exterior" significa um aumento de capital simbólico. Trata-se de algo adicional e diferencial obtido após a passagem de um período no exterior. O valor é agregado a todo jovem que vive essa experiência no exterior.

No caso específico desses jovens, existe uma inter-relação entre o poder econômico e o poder simbólico. O poder econômico que esses jovens possuem lhes proporciona a oportunidade de aumento de seu poder educacional e cultural. Isto acaba por lhes trazer a oportunidade de reprodução de sua própria condição de classe. É uma oportunidade de acesso à cultura que nem todos têm e que acaba por reforçar seu status social.

Ainda que não necessariamente a experiência em si garanta uma colocação no mercado de trabalho, pessoas que possuem experiência no exterior são vistas como detentoras de um diferencial. Fala-se muito hoje em mundo globalizado que proporciona trocas, contato e convivência direta com outros países. Estes jovens acreditam que há uma vantagem profissional no fato de já terem vivido por um tempo em um outro país. Eles também pressupõem que terão menos dificuldade em lidar com pessoas pertencentes a culturas diferentes, pois, em todo caso, tal experiência não será inédita. . Sobre isso, Joseph Stiglitz afirma:

Enquanto o intercâmbio de mercadorias e de capitais foi facilitado, o mercado de trabalho foi deixado de lado. A maioria dos países em desenvolvimento se ressentem dessa situação. Afinal, nesses lugares a população sente muito mais os efeitos do desemprego. Por outro lado, a globalização trouxe a livre movimentação do conhecimento. (Stiglitz, Você S/A, 2003)

3.3- Os aspectos nos quais é possível perceber aumento de capital simbólico

Talvez pelo fato de serem muito jovens, a idéia de fazer o intercâmbio em boa parte dos casos surge por parte dos pais. Três fatores são apresentados como principais resultados benéficos após a participação no programa de intercâmbio: aprender o idioma inglês; conviver com outra cultura e viver longe da família. Em seguida, serão descritos cada um desses fatores:

3.3.1- Aprendizado do Inglês

O fato de a língua inglesa ser considerada como primordial para viabilizar a comunicação internacional é percebida em várias situações. O trecho abaixo, retirado de um livro que trata sobre a abrangência da língua inglesa no mundo, demonstra essa percepção:

A atual busca de informação aliada à necessidade de comunicação em nível mundial já fez com que o inglês fosse promovido de língua dos povos americano, britânico, irlandês, australiano, neozelandês, canadense, caribenhos, e sul-africano, a língua internacional. Enquanto que o português é atualmente falado em 4 países por cerca de 195 milhões de pessoas, o inglês é falado como língua mãe por cerca de 400 milhões de pessoas, tendo já se tornado a língua franca, o Latim dos tempos modernos, falado em todos os continentes por cerca de 800 milhões de pessoas (Todd, 1999:4).

Baseadas em dados estatísticos, existem ainda afirmações mais ambiciosas com relação ao crescente uso da língua inglesa em todo mundo como as seguintes:

Estimativas mais radicais, incluindo falantes com níveis de menor percepção e fluência, sugerem a existência atualmente de um total superior a um bilhão. (Crystal, 1997: 360)

Além disso, há estimativas de que 75% de toda comunicação internacional por escrito, 80% da informação armazenada em todos os computadores do mundo e 90% do conteúdo da Internet são em inglês. (Schültz, 2003: 2)

Toda essa propaganda da extensão do uso da língua inglesa acaba por influenciar diretamente os indivíduos. A exigência do conhecimento da língua vem se tornando essencial para a formação educacional dos brasileiros. Os programas de intercâmbio podem ser vistos como um reflexo deste ideário.

O idioma inglês é visto como fundamental tanto pelos pais como, em alguns casos, pelos próprios estudantes. A participação em um programa de intercâmbio é vista, portanto, como uma oportunidade de consolidar o aprendizado da língua. As agências apresentam este aprendizado como uma das principais vantagens dos

participantes do programa. É possível perceber que, em geral, os pais “compram” essa idéia. Além disso, os jovens que, ou por gostarem de estudar a língua e conseqüentemente desejarem ampliar seus conhecimentos, ou por não serem simpáticos às aulas, acreditam que a viagem é uma alternativa de aprendizado mais rápida.

É muito comum, após o retorno ao Brasil, que esses jovens passem a atuar como professores de inglês. Dos oito entrevistados, cinco já atuaram ou ainda atuam como professores do idioma. Normalmente isso ocorre imediatamente após o retorno dos Estados Unidos e serve como primeiro emprego - um emprego temporário no qual atuam normalmente enquanto cursam os primeiros anos de faculdade.

3.3.2- Convivência com outra cultura

Para os intercambistas, conviver em outra cultura e morar na casa de uma outra família são fatos interligados. Eles não apenas moram fora de casa como residem junto à outra família que, conforme já dito no capítulo anterior, é uma das principais referências de conhecimento da cultura americana.

Nos Estados Unidos, talvez por ser o país que há mais anos recebe jovens através do programa de intercâmbio e pela quantidade de estrangeiros que reside no país²⁴, a população não costuma estranhar a presença de estrangeiros estudando nas HIGH SCHOOLS americanas. São milhares deles todos os anos entrando e saindo do país, inclusive, e principalmente nas pequenas cidades. Os entrevistados afirmam que os norte-americanos costumam ser hospitaleiros com os estudantes. Muitos observam que o estereótipo do norte-americano de ser mais frio do que os brasileiros cai por terra assim que chegam aos EUA, pois dizem ser bem tratados e recebidos. Segundo eles, tal comportamento ajuda no processo de adaptação.

²⁴ Dados do Censo americano de 2000 demonstram que 10% dos 281 milhões de habitantes são originários de outros países. Fonte: National Geographic, setembro de 2001.

Ainda que alguns estereótipos criados pelos brasileiros para descrever os norte-americanos sejam desfeitos após o contato direto, isso não significa que não haja estranhamento e percepção brusca de diferenças entre as duas culturas. Detalhes como hábitos de os americanos tomarem menos banhos que os brasileiros, a diferença religiosa – protestantismo versus catolicismo , dentre outros, são apontados como diferenças que causam um impacto e acabam por gerar uma necessidade de adaptação aos novos hábitos.

É interessante analisar o ciclo de adaptação do jovem participante, o qual, em maior ou menor escala, passa sempre por uma fase de depressão antes da adaptação ao novo meio. O programa mais longo, de dois semestres, permite uma adaptação e um aprendizado mais completos, como demonstra o gráfico abaixo.²⁵



Relatos do diário de Antônio demonstram que os primeiros dias são bem complexos. Para ele, houve uma fase de depressão e incertezas. Ele afirma ter ficado vivendo com uma família muito agradável, hospitaleira e que desde a sua chegada foi bastante clara com relação às normas da casa - o que o deixou confortável e ciente daquilo que provavelmente iria enfrentar. Na escola também foi bem aceito e com grande frequência, colegas vinham se apresentar e conversar com ele. Porém, a insegurança do contato com o novo e o medo da solidão eram muito fortes. Isso porque seu objetivo principal (fora aqueles de praxe como aprender a língua, o contato com a cultura e o aprendizado fora de casa) era a possibilidade de se dedicar aos esportes.

²⁵ <http://www.sk.com.br/sk-cambio.html>

Ele queria treinar e poder se dedicar bastante ao futebol (soccer), porém a escola dele (de pequeno porte) não oferecia a modalidade, o que o deixou desconfortável e decepcionado. A classe social da família hospedeira também foi vista como um incômodo. Tratava-se de uma família de classe média baixa e seu padrão de vida era visto como inferior ao que ele tinha no Brasil. Antônio se sentia desconfortável por não poder desfrutar de um bom aparelho televisor e um aparelho de CDs. Além disso, a cidade era muito pequena e isolada. Segundo ele, não havia muitas atividades a fazer e o excesso de tempo ocioso lhe trouxe uma sensação um pouco diferente da esperada quando viajou.

A fase de adaptação varia de acordo com a pessoa, mas é algo pelo qual todos passam necessariamente. A adaptação a uma nova família com seus hábitos e sua cultura, a adaptação ao colégio e a novas pessoas é um processo que sucede a euforia inicial e a ansiedade de estar prestes a lidar com o diferente.

Geralmente, estes estudantes são vistos como uma atração local, pelo fato de se instalarem em cidades pequenas. As pessoas costumam convidá-los para participar de eventos, para assistirem jogos em suas casas participar da comunidade.

Nota-se que há uma grande vontade de aprender com os intercambistas por parte dos americanos, mas o que mais lhes interessa e desperta prazer é transferir e ensinar aos jovens estrangeiros a sua cultura. Neelys, *host mother* americana que acolheu Yoshiko, uma intercambista japonesa em sua casa, relata que:

"Nossa família, incluindo nossos filhos Jacob e Megan, passou por experiências que não conseguiríamos de nenhum outro jeito. Nunca esqueceremos Yoshiko realizando a tradicional cerimônia do chá para nós, em seus trajes típicos. Mas a melhor parte foi Yoshiko explorando a nossa cultura. Coisas como fazer permanente no cabelo ou assistir a jogos do time de futebol americano da escola ou ir a bailes da escola foram apenas algumas maneiras de "descobrir a América".²⁶

²⁶ Agência EF <http://www.ef.com/master/hsy/features/hostfamily/host.asp>, depoimento de uma família americana que recebeu uma intercambista japonesa em sua casa.

A coordenadora da agência Central de Intercâmbio em Brasília, Sandra, trabalha há três anos com os intercâmbios de HIGH SCHOOL. Ela coloca que nos EUA os meninos são obrigados a se adaptar à cultura americana e à maneira que eles vivem. Em outros países como a Austrália e a Nova Zelândia há uma maior flexibilidade para compreender os hábitos dos brasileiros e tentar agradá-los. Entretanto, os americanos acreditam que agradam quando ensinam sua cultura aos estrangeiros.

Quando saem daqui, os estudantes levam bastante material sobre o Brasil. Como a intenção é fazer um intercâmbio cultural os intercambistas presumem que haverá uma troca. Nos cursos e palestras preliminares são incentivados a levar CDs de músicas brasileiras, fotos e postais sobre as principais cidades brasileiras e paisagens típicas do país.

De acordo com suas visões, o principal interesse que despertavam nos americanos reside no fato de serem diferentes por serem estrangeiros e pertencerem a uma outra cultura. Em alguns casos, como o de Marina, que residiu em uma cidade maior, as pessoas conheciam um pouco do Brasil e ela chegou a ver alguns comentando a vontade que tinham de conhecer o país. Entretanto, a maioria dos intercambistas que foram pelas agências diz que eram freqüentes as perguntas estereotipadas a respeito da moradia em árvores ou sobre as mulatas brasileiras. Parte dos americanos não conhecia o Brasil. A outra parte que conhecia não tinha muita noção de como é o país.

3.3.3- A experiência de viver fora de casa

É comum aos entrevistados relatarem que a experiência que tiveram superaram suas expectativas iniciais, especialmente pela questão do crescimento pessoal proporcionado pelo intercâmbio.

Esta experiência é entendida como uma oportunidade de o jovem ser visto como indivíduo e não parte de uma rede de relações. Isso gera uma sensação de liberdade e de individualidade.

Os jovens relatam que o aprendizado do valor do individualismo ocorreu no momento em que precisaram “se virar sozinhos”, controlar o dinheiro, lavar suas próprias roupas, tomar iniciativa por não ter ninguém para fazer por eles. Segundo Amanda:

É uma grande experiência que todos deveriam passar porque querendo ou não você tem que crescer lá, correr atrás das coisas, se você não fizer ninguém vai fazer lá se você está em casa, precisando de alguma coisa, tem que ir atrás.

Tomando por base o estudo de Dumont sobre o sistema de castas indiano -, um modelo ideal de uma sociedade hierárquica, o autor explica que, de uma maneira muito simplificada, é possível distinguir o sistema social indiano como um extremo de uma dicotomia entre duas ideologias: a holista e a individualista. De acordo com Dumont, os Estados Unidos atuam como um modelo ideal de manifestação do individualismo. A sociedade indiana, baseada no sistema de castas proveniente do hinduísmo, é dificilmente compreendida pelos países ocidentais que possuem suas raízes nos valores modernos de igualdade e liberdade pois, negam a existência de qualquer tipo de hierarquia.

Baseado nesta linha de raciocínio, Roberto DaMatta chama a atenção para a posição brasileira dentro desse contexto de dicotomia entre holismo e individualismo .

No artigo: “Sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil” DaMatta afirma que o Brasil se encontra em uma posição intermediária entre a Índia e os Estados Unidos.:

Diferente da Índia, que exclui sistematicamente o indivíduo, ou dos Estados Unidos, que excluem sistematicamente a pessoa, no Brasil parecemos utilizar tanto uma quanto a outra categoria.(DaMatta, 1997:232)

De acordo com esta interpretação, é possível perceber que muitos jovens intercambistas, enquanto estão no Brasil, uma sociedade que contém cenários tanto individualistas como holistas, pode ser visto como componente de um grupo: é “filho de”, irmão de”, “amigo de”. No momento que adentra nos Estados Unidos para lá residir durante o período do intercâmbio, o jovem passa a ser visto como um indivíduo, o estudante estrangeiro.

Talvez por este fato, esses jovens consideram que amadureceram e aprenderam muito com a experiência no sentido de que lá, a única identidade que lhes cabia era a de “estudante estrangeiro”. Ao perceberem a ausência do modelo hierárquico, dentro do qual costumam encontrar suas identidades, eles se vêem obrigados a agir e pensar como indivíduos. Este é o processo de amadurecimento relatado pelos jovens: a passagem de um mundo hierárquico para um individualista.

Retornando ao fato de os dois fatores acima citados: a, convivência com outra cultura e a experiência de estar fora de casa estarem intimamente ligadas, nota-se entre eles, ainda, uma complementaridade. Residir com outra família, em outro país, em uma cultura arraigada pelo individualismo propicia esse “crescimento” por ter a oportunidade de se ver como indivíduo e ser valorizado por isso. No caso, por exemplo, de esse jovem passar esse mesmo período na Índia, este crescimento certamente estaria sedimentado em outras bases, posto que o valor dominante é a hierarquia.

3.4- O retorno e a readaptação ao Brasil

Quando chegam ao Brasil há uma dificuldade de se desvincular dos laços estabelecidos nos EUA. A maior parte dos contatos com a *host family* é realizada nos primeiros meses ou anos após o retorno, na maioria dos casos por conta da distância e da dificuldade de comunicação acaba por se perder quase que totalmente o contato. Porém a maioria crê que o vínculo fica por tempo indeterminado e acabam por trocar notícias e informações esporadicamente. Segundo Isabela, 23 anos graduada em Relações Internacionais, se submeteu ao programa em agosto 1996 ficando no estado do Texas até junho de 1997:

“Acho que até hoje se eu mandar um e-mail para eles pedindo notícias e contando as novidades eles respondem carinhosamente”.

Os jovens costumam fazer amizades de curta duração. Marina diz que conheceu muita gente lá, nunca ficava só no colégio, mas que não fez amigos como os que ela tem aqui no Brasil de longa convivência e fidelidade. Geralmente, os jovens perdem primeiramente o contato com os amigos. Assim, na chegada ao Brasil, o vínculo maior é mantido junto à família hospedeira.

Alguns seguem mantendo contato com a *host family* por anos. Outros apenas por algum tempo. Entretanto, existe a crença em um tipo de vínculo permanente. Tal crença faz com que esses jovens adquiram segurança frente à possibilidade da volta. Eles entendem que, em um possível regresso aos Estados Unidos, se sentirão mais à vontade. Sentem-se aptos à adaptação no exterior e julgam ser mais fácil do que quando fizeram isso pela primeira vez.

3.5- EXILADOS ECONÔMICOS X EXPERIÊNCIA NO EXTERIOR

As migrações e os fluxos de pessoas incluem diversas maneiras de idas e vindas de um país a outro. Os motivos, as circunstâncias e o tempo de permanência são

vários. Minha opção restringe-se às migrações temporárias do Brasil para os Estados Unidos, de adolescentes entre 15 e 18 anos, que viajam com o objetivo de adquirir experiência no exterior e agregar valor educacional.

Os setores mais comumente estudados no âmbito das migrações de brasileiros para os Estados Unidos são os de classes baixas que migram por razões econômicas. Estudos realizados por Gustavo Lins Ribeiro (2000) sobre migrantes goianos que vão residir em Boston e Soraya Resende Fleischer (2002) sobre as *housecleaners* brasileiras que vivem também na cidade de Boston serviram como minha principal referência desde o momento que optei por pesquisar as migrações de brasileiros para o exterior, ainda que dando enfoque às migrações temporárias de um outro grupo específico. Creio que é possível fazer um paralelo entre o grupo estudado por eles e o grupo que estudo aqui.

Há diferenças claras entre os dois grupos estudados, a começar pela classe social à qual pertencem. Os jovens intercambistas normalmente são de classe média ou alta, dado que os custos para participar do programa são, em média, de cinco mil dólares. Para a realidade brasileira é um custo que poucos podem pagar. Os grupos estudados por Ribeiro e Fleischer são compostos de pessoas da classe trabalhadora. A maioria possui o secundário completo e ocupava funções com baixa remuneração no Brasil, tais como empregadas domésticas, secretárias, funcionários públicos, etc. Estes saem do país em busca de melhor remuneração. (FLEISCHER 2002:37).

Outro fato que os diferencia é as condições pelas quais adentram o país estrangeiro. Os estudantes entram necessariamente em situação legalizada, com visto específico e prazo pré-determinado para a permanência no país. Quanto aos trabalhadores, a maior parte deles se encontra em situação ilegal nos Estados Unidos e independente de terem intenção ou não de retornar ao Brasil, o período pelo qual residirão no exterior não pode ser previsto ou determinado.

Os estudantes secundaristas se assemelham mais aos que migram para estudar no exterior, como pesquisadores. Mas são muito mais novos e acabam por se tornar um

campo bastante específico, com características próprias. São bem-vindos por parte do governo. Este declara oficialmente a importância do aprendizado de outras culturas, através da convivência entre os jovens estudantes americanos com seus correspondentes estrangeiros.

Já os trabalhadores são apoiados pelo governo americano e desejados de uma maneira não oficial. Constituem uma espécie mão de obra barata, necessários para realizar funções que os nacionais não querem exercer. Os salários pagos são altos para o padrão brasileiro, porém baixos para o padrão norte-americano. Além disso, pelo fato de se encontrarem em situação irregular, os direitos trabalhistas obrigatórios não são devidamente pagos.

Os três principais motivos apontados para a ida desses trabalhadores brasileiros para os Estados Unidos são: trabalho e renda; aquisição de bens; dignidade. (FLEISCHER, op. cit.: 43)

De maneira distinta, os principais motivos apontados pelos estudantes pesquisados são: conhecimento da língua inglesa; contato com outra cultura e oportunidade de obtenção de uma vivência fora de casa. Os trabalhadores vão em busca de aumento de seu poder econômico. Os estudantes, em busca de um complemento à sua educação, ou seja, o que poderíamos entender como um aumento de seu capital simbólico (BOURDIEU, 1989).

Apesar de todas essas diferenças e particularidades entre os dois grupos, ainda há um fato em comum que merece uma reflexão. Trata-se do fato de ambos optarem majoritariamente pela ida aos Estados Unidos.

Os Estados Unidos são concebidos como o mundo ideal, a terra da justiça, da liberdade, da igualdade e da tolerância. Milhões de migrantes do mundo inteiro escolhem este destino, ainda que não dominem a língua inglesa e que sejam discriminados, eles crêem que as oportunidades oferecidas e que a vida na América serão melhores que a do país de origem. Estados Unidos são considerados uma

espécie de terra prometida para os migrantes²⁷. Isso também faz sentido para os brasileiros.

"Venha viver o sonho americano" diz o *folder* com a propaganda da Agência Central de Intercâmbio. Para os intercambistas é a oportunidade de estar lá, de passar um ano nessa terra magnânima que faz com que o seu capital simbólico aumente. A ida aos Estados Unidos lhes proporciona a ferramenta de crescimento pessoal na batalha do dia a dia, na busca de se destacar em uma sociedade competitiva. Tanto no imaginário do grupo que migra a trabalho como naquele que visa ampliar seus estudos e conhecimentos, existe o mito de os Estados Unidos serem o país das oportunidades, uma espécie de modelo do mundo ocidental.

Em ambos os grupos, a noção de rede é importante. Os trabalhadores estão organizados em distintas redes de ajuda. Esta organização fomenta a ida de outros, pois ao perceberem a existência de um contato no exterior, se sentem mais seguros e apoiados, além de já terem uma noção das dificuldades a serem enfrentadas (RIBEIRO, 2000). No caso dos estudantes ocorre algo semelhante. Os Estados Unidos foram o primeiro país a desenvolver esse tipo de programa para estudantes secundaristas estrangeiros no mundo. Portanto, existe uma certa familiaridade por parte da população com relação à convivência com esses estudantes estrangeiros. Isso faz com que cada vez mais estudantes se sintam incentivados a ir para lá e, ao entrarem em contato com a experiência de outros que já foram, ou que estão indo para lá, é mais provável que optem por se estabelecerem em um país desconhecido, mas não tão desconhecido pois é grande a probabilidade de já conhecerem alguma pessoa que se submeteu ao mesmo programa para esse país.

Quando perguntada sobre os motivos de seu destino de viagem, Amanda afirma que:

é, tinha aquele lance antiamericano, mas era mais fácil, mais barato por isso fui para os Estados Unidos mesmo.

²⁷ National Geographic-Brasil, setembro de 2001.

Priscila coloca que, ao voltar dos Estados Unidos, passou a respeitar, e em muitos aspectos, admirar os norte-americanos:

Eu agora respeito muito mais o povo de lá. Afinal, eles não são burros e violentos como todo mundo fala.

Por último, uma das causas apontadas para escolha do país de destino são os custos de viagem e estada. Nos EUA, os custos do intercâmbio são mais baratos do que os encontrados em países europeus, também valorizados por estes jovens.

CONCLUSÃO

São diversos os motivos pelos quais uma análise sobre o fenômeno de jovens que buscam agregar valor pessoal através de uma experiência no exterior, enfocando o ponto de vista de cultura e identidade, é importante para o campo das Relações Internacionais.

Quando se trata do tema cultura e das trocas culturais entre países percebe-se que há simplificação do que de fato ocorre. Nota-se um "temor" de que o mundo se torne apenas um em termos culturais dado a influência da cultura do país hegemônico em todos os outros por uma série de motivos como expansão comercial, dominação, dentre outros. Nesse sentido, são importantes as reflexões sobre interações culturais de modo a avaliar se é isso que realmente tem ocorrido. O presente estudo demonstra que há um *hibridismo*, ou seja, uma incorporação de elementos de uma outra cultura que não a de origem do indivíduo, porém não uma totalização de incorporação das características dos povos que se interagem. Dado que, conforme já foi falado, um brasileiro não deixa de ser visto como tal pela população de seu país por terem adquirido alguns hábitos semelhantes aos dos americanos no período em que estiveram morando lá, nem os americanos passam a vê-lo como um nacional quando estão lá ainda que hajam como se fosse um deles.

Participar do intercâmbio foi muito bom, mas não sei se valeria a pena continuar morando nos EUA. Com essa experiência de morar lá, aprendi que em qualquer parte do mundo em que você estiver, se não for o seu país de origem, por mais que se esforce em agir como eles, você continuará sendo o gringo. Não tem jeito.(Antônio)

Os fluxos culturais merecem ser estudados, ainda que pontos de vista diverjam. Não necessariamente a convivência entre diferentes culturas trará “choques”, menos ainda entre civilizações como afirmou Huntington. É algo que simplesmente acontece, que envolve duas ou mais nações e que traz consequências para os países e principalmente para as pessoas no mundo. É algo que existe, se traz choques, se traz hibridismos ou o que quer que seja, merece ser estudado como fator existente no

cenário internacional. As interações culturais são, portanto, não necessariamente fator primordial de conflitos, mas sim algo que acontece e faz parte do conjunto de ações do mundo.

É possível perceber no âmbito da globalização o fenômeno de pessoas ainda tão jovens sentindo a necessidade de adquirir esse tipo de experiência no exterior para seu crescimento pessoal.

As constantes e cada vez maiores interações entre os países do mundo fazem com que sejam necessários profissionais aptos a lidar com o diferente, com o pertencente a uma outra cultura. Impera no imaginário dos brasileiros que se submetem, ou crêem que é importante que outros se submetam, ao programa de intercâmbio que essa é a oportunidade que se tem de aprender a lidar com esse diferente e a se desvencilhar de possíveis preconceitos com relação ao desconhecido. É uma oportunidade de conhecer e de perceber que é possível lidar com aqueles que nem sempre se assemelham ao grupo ao qual os jovens pertencem caso isso seja necessário futuramente. É um fluxo de pessoas muito mais consequência da globalização do que causado por ela.

Se, conforme dito no início do trabalho, nota-se uma carência de abordagem das pessoas como atores no cenário internacional, nada mais justo que tratar sobre as mesmas como ativos bem como relatar quais as suas impressões a respeito do que ocorre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZICS INTERCÂMBIO CULTURAL. Desenvolvido pela Azics. Apresenta o programa de intercâmbio cultural da Agência. Disponível em http://www.azics.com.br/high_school.html . Acesso em 02/06/03.

ALAM, M. Shahid. **A Critique of Samuel Huntington- Peddling Civilizational Wars** <http://www.counterpunch.org/alampeddle.html>

BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de história)**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 19

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz, Bertrand Brasil: Rio de Janeiro- RJ, 1989.

_____. **Razões Práticas Sobre a Teoria da Ação**. Tradução de Mariza Corrêa, Campinas- SP: Papirus, 1996

BRASIL. MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
<http://www.mre.gov.br/faq/a98%20-%20brasileiros.doc>. Acesso em 08/05/03

BURITY, Joanildo A. (org.) **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís. **Entre o Justo e o Solidário: os dilemas dos direitos de cidadania no Brasil e nos EUA**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais nº 31 ano 11 junho de 1996.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade.**/ Manuel Castells, tradução: Klauss Brandini Gehardt. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

CASA THOMAS JEFFERSON. Desenvolvido pela Casa Thomas Jefferson. Apresenta o Centro Binacional Brasil- Estados Unidos localizado em Brasília-DF. Disponível em <http://www.thomas.org.br/> . Acesso em 02/06/03.

CAVARZERE, Thelma Thaís. **Direito Internacional da Pessoa Humana: a circulação internacional de pessoas.** 2ª edição –Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

CENTRAL DE INTERCÂMBIO. Desenvolvido pela Central de Intercâmbio. Apresenta o programa de intercâmbio viabilizado por essa Agência de Viagens Especializada em Turismo Jovem e Educação Internacional. Disponível em <http://www.ci.com.br/lar/col.php> . Acesso em 02/06/03.

CONCIL ON STANDARDS FOR INTERNATIONAL EDUCATION TRAVEL (CSIET). Desenvolvido pelo CSIET. Organização norte-americana independente, sem fins lucrativos que tem por objetivo avaliar, disciplinar e dar credibilidade aos programas de intercâmbio para adolescentes em *High School*. Disponível em <http://www.csiet.org/>. Acesso em 02/06/03.

CRYSTAL, David. **English as a Global Language.** Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997

DAMATOUR. Desenvolvido pela Damatour. Apresenta a agência especializada em turismo jovem. Disponível em: <http://www.damatour.com.br/>. Acesso em 02/06/03

DAMATTA, Roberto. **Sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil.** In: DaMatta, Roberto. Carnavais ,

malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro- 6ª edição, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus: O Sistema de Castas e Suas Implicações/** Louis Dumont: Tradução de Carlos Alberto da Fonseca- São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1992.

EF EDUCAÇÃO INTERNACIONAL. Desenvolvido pela EF. Apresenta a escola internacional de idiomas. Disponível em: <http://www.ef.com/>. Acesso em 05/06/03.

EMBAIXADA AMERICANA NO BRASIL – desenvolvido pela Embaixada Americana no Brasil. Apresenta informações a respeito da entrada de estudantes interessados em estudar nos Estados Unidos. Disponível em

Escritórios de aconselhamento:

<http://www.embaixadaamericana.org.br/index.php?itemmenu=116&submenu=108&action=advisept.php>

Links de Programas de Intercâmbio

<http://www.embaixadaamericana.org.br/index.php?itemmenu=73&submenu=104&action=exchangept.php>

Estudando nos EUA- Texto: Nossas Portas estão Abertas aos Estudantes Estrangeiros

<http://www.embaixada-americana.org.br/?itemmenu=86&submenu=107&action=estudent.htm>

Acesso em 02 de junho de 2003.

FEATHERSTONE, Mike. **O Desmanche da Cultura: Globalização, Pós Modernismo e Identidade/** Mike Feathertone, tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura- São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1997.

FLEISHER, Soraya Resende. **Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts** / Soraya Resende Fleisher- São Paulo: Annablume, 2002.

FORTUNA, Carlos e SILVA, Augusto Santos Silva. **A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural**, in: **A Globalização e as Ciências Sociais**/ Boaventura Souza Santos (org.)- Pág: 419- 474. São Paulo: Cortez, 2002

FROMKIN, Victoria, and Robert Rodman. **An Introduction to Language**. Orlando, FL: Harcourt Brace & Co., 1993.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura**, in : **A Interpretação das Culturas**/ Clifford Geertz – Rio de Janeiro, RJ: Editora LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**./ Antony Giddens: tradução Raul Fiker- São Paulo: Editora UNESP- 1991.

_____. **O Mundo na Era da Globalização**/ Antony Giddens: tradução Saul Barata. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

GOVE, Philip B. Preface. **Webster's Third New International Dictionary**. Springfield, MA: Merriam-Webster Inc., 1986.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, fronteiras e híbridos: palavras chave de Antropologia Transnacional**. In Revista Mana: Estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro, 1997.

_____. **Os limites de nosso auto-retrato. Antropologia urbana e globalização.**
Mana, Abril 1999, vol.5, no.1, p.149-155. ISSN 0104-9313.

HUNTINGTON, Samuel P. **The Clash of Civilizations?** , in: Foreign Affairs- summer 1993.

_____. **O Choque das Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial.?**
 Samuel P. Huntington: tradução M.H.C. Cortês. Rio de Janeiro: objetiva, 1996.

IANNI, Octávio. **Teorias da Globalização.** 5ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Enigmas da Modernidade- Mundo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2000.

MENDES, José Manuel Oliveira. **O Desafio das identidades**, in: **A Globalização e as Ciências Sociais/** Boaventura Souza Santos (org.)- Pág: 503- 534. São Paulo: Cortez, 2002.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura.** São Paulo - SP Brasiliense, 1994.

PINHEIRO, George Teixeira. **Rotary, quase um século** Revista Circuito Integrado dezembro 2002: http://www.uol.com.br/circuito/caderno/variedades_rotary.htm

RADWIN, Eugene. **Multimedia Encyclopedia.** Grolier Inc., 1992.

RIBEIRO, António Sousa. **A Retórica dos limites. Notas Sobre o Conceito de Fronteira**, in: **A Globalização e as Ciências Sociais/** Boaventura Souza Santos (org.)- Pág: 475- 497. São Paulo: Cortez, 2002

RIBEIRO, Gustavo Lins. **Goiânia, Califórnia, Vulnerabilidade, Ambigüidade e Cidadania Transnacional**, in: **Cultura e Política no Mundo Contemporâneo: paisagens e passagens**/ Gustavo Lins Ribeiro. –Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. (Capítulo 9 , pag. 215-238).

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O que faz o Brasil, Brazil. Jogos Identitários em São Francisco**, in: **Cultura e Política no Mundo Contemporâneo: paisagens e passagens**/ Gustavo Lins Ribeiro. –Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. (Capítulo 9 , pag. 245-281).

ROTARY YOUTH EXCHANGE PROGRAM. Desenvolvido pelo Rotary International. Apresenta o Programa de Intercâmbio Cultural do Rotary Clube Internacional. Disponível em : http://www.rotary.org/programs/youth_ex/. Acesso em 05/06/03.

ROTARY YOUTH EXCHANGE PROGRAM -DISTRITO 4530, BRASÍLIA- BRAZIL. Desenvolvido pelo Distrito 4530, Rotary Clube Internacional. Apresenta o programa de intercâmbio do Rotary Clube em Brasília. Disponível em: <http://www.yep4530.hpg.ig.com.br>. Acesso em 05/06/03.

SCHÜTZ, Ricardo. **Programas de Intercâmbio Cultural para Adolescentes em Escola Secundária nos Estados Unidos**. English Made in Brazil <http://www.sk.com.br/sk-cambio.html>. Online. 20 de dezembro de 2002.

SCHÜTZ, Ricardo. **O Inglês como Língua Internacional**. English Made in Brazil <http://www.sk.com.br/sk-ingl.html> . Online. 20 de dezembro de 2002.

STIGLITZ, Joseph. **Moeda Global**. Você S/A, n.52, ed. Abril, outubro 2002

STUDENT TRAVEL BUREAU. Desenvolvido pela STB. Apresenta a Agência especializada em cursos no exterior. Disponível em : <http://www.stb.com.br/>. Acesso em 17/06/03.

SWERDLOW, Joel L. **A nova cara dos EUA**. In: NATIONAL GEOGRAPHIC-BRASIL, Ano 2 nº 17 setembro de 2001, pág.: 68- 87.

TOCQUEVILLE, Alexis. **A Democracia na América**. Belo Horizonte, Itatiaia/EDUSP, 1977.

TODD, Loreto, and Ian Hancock. **International English Usage**. New York: New York University Press, 1990.

WEBER, Max, 1864- 1920. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**/ Max Weber; trad. de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver. Téc. De Gabriel Cohn, 4ª ed. –Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

WORLD STUDY. Desenvolvido pela World Study. Apresenta o Programa de Intercâmbio da Organização dessa Educação Intercultural. Disponível em <http://www.worldstudy.com.br> . Acesso em 02/06/03.